

# O ethos discursivo como mecanismo de persuasão em crônicas

Professora Mestre Carolina Santos Melo de Andrade<sup>i</sup> (UEG)  
James Martins de Oliveira<sup>ii</sup> (UEG)

## Resumo:

O trabalho analisa como um dos inúmeros mecanismos discursivos, o *ethos* discursivo, funciona em crônicas no processo de criar um efeito persuasivo. Esse recurso ocorre porque ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la. Dessa forma, observamos como se faz a interação com o sujeito leitor, quando o sujeito enunciador assume um outro papel sócioideológico. A materialidade linguística e os mecanismos textuais foram analisados em prol da discursividade, pois ‘o texto, se examinado para além da aparência, revela mecanismos de construção do sentido, que refletem estratégias do .O nosso foco de análise é exatamente essa estratégia discursiva empregada nas crônicas para o efeito de persuadir, formar opinião, denunciar, criticar, para tanto, identificamos quais as formações discursivas mais incidentes: se religiosas, políticas, jurídicas, sociais, educacionais entre outras, e quais ideologias carregam, uma vez que a produção de sentidos presente em um texto é consequência da compreensão dos processos de significação, ante o espaço ideológico ocupado pelos sujeitos no ato da interlocução. E é nessa concepção de linguagem como sistema de interação que observamos como os objetos simbólicos, nesse caso o *ethos* discursivo, produzem sentidos, reconhecendo seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação, pois o sentido de uma palavra, expressão, proposição, não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literidade do significante); o sentido muda conforme as posições ideológicas no contexto sócio histórico. Tendo em vista a importância do emprego da persuasão desde a antiguidade até os tempos atuais, existe a necessidade de se investigar esse dispositivo em suas bases teóricas, para formular um resultado que seja útil na formação de leitores críticos e conscientes, capacitados em identificar as fórmulas utilizadas na interação discursiva entre autor e leitor.

**Palavras-chave:** *Ethos discursivo*, crônicas, Análise do Discurso

## O ethos como escopo de estudo: breve discussão

Este trabalho<sup>iii</sup> partiu do interesse a respeito dos inúmeros mecanismos de persuasão (por meio da imagem criada de si) em atividades discursivas nas práticas sociais diversas.

Dentre esses recursos, destacou-se o *ethos* discursivo, utilizado como mecanismo que reflete a sua formulação tanto em interações verbais quanto comunicações escritas, e o seu estudo abrange diversos campos teóricos, dentre os quais se torna necessária a abordagem de alguns desses campos, como a Análise do Discurso, as características do texto e do discurso, os conceitos de sujeito e ideologia, a intertextualidade, os estudos da argumentação e a própria concepção de *ethos*.

O tema proposto é alvo de estudo desde os tempos aristotélicos, sua trajetória envolve o antigo império romano com Cícero e Quintiliano, e depois ficou restrito ao esquecimento por um

longo período para retornar em uma perspectiva retórica pragmática sob o enfoque de vários autores, Maingueneau, Amossy, Eggs entre outros. No Brasil há de se considerar um relativo trabalho de pesquisas acadêmicas dirigidas ao assunto.

Os procedimentos metodológicos adotados para esse trabalho constam de análises semântico-discursivas de crônicas, com o propósito de verificar de que forma os autores utilizam o *ethos* discursivo na corporificação do enunciador do texto como mecanismo de persuasão para indicar suas crenças, seus valores, suas opiniões explícitas e implícitas; quais as formações discursivas e ideológicas mais incidentes; e como funcionam os recursos linguísticos e argumentativos nessa estratégia de conquistar a adesão do público.

Para a análise pretendida, foram escolhidos textos do gênero crônica, dos autores Moacyr Scliar e Arnaldo Jabor, com enfoque para uma linha do contexto histórico político e social do sujeito enunciador (orador) e do sujeito enunciatário (auditório).

A escolha do gênero crônica é devido à multiplicidade de facetas sociais que ela denuncia e, em especial, devido aos recursos persuasivos até então sombrios por sua complexidade e profundidade discursiva; Eventos pouco desbravados enquanto potencialidades que a língua oferece, e que provoca significações variadas. Essa materialidade discursiva descortina para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo no contexto social.

Nesse trabalho, busca-se analisar o *ethos* discursivo como objeto persuasivo por uma perspectiva diferente, reflete-se que ele seja deslocável dentro de um texto escrito, e perceptível ao assumir novas posições; nesse sentido, o *ethos*, ao considerar a cena de enunciação, pode ser analisado de forma a projetar a cena do enunciador e do enunciatário, como também, pode ser construído a partir dos demais participantes do ato enunciativo e das vozes e instituições sociais que se apresentam no texto de forma explícita e implícita.

Aristóteles enumera as três qualidades ou meios de persuasão que um orador deve abarcar em um ato discursivo:

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no carácter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar (ARISTÓTELES, 2005, p. 96).

Pelo fato de ser a crônica um gênero textual de considerável circulação em veículos de comunicação da mídia impressa e televisiva, percebe-se que esse tipo de texto trata uma diversidade de assuntos do cotidiano que envolvem temas políticos, problemas sociais, econômicos e outros, sem ser privilégio de um determinado lugar. Nessa perspectiva, esse trabalho versa sobre o uso persuasivo do *ethos* discursivo em textos do gênero crônica<sup>iv</sup>, e inclui todas as estratégias fundamentais para tal prática: linguísticas, argumentativas e discursivas, já que está em jogo é a

sedução do leitor. A importância da pesquisa está exatamente no fato de a crônica ser um gênero de circulação em várias esferas da sociedade, tornando uma grande aliada, principalmente no ambiente escolar, ao tratar-se de sua aplicação no desenvolvimento de leitura e produção de textos de uma forma significativa para despertar uma visão crítica e construtiva desses sujeitos; outro motivo interessante é a proposta revolucionária a que se refere esse estudo, que versa atentar para o fato investigativo da construção do *ethos* sob um novo prisma na cena enunciativa.

Reconhecer esse mecanismo faz-se mister tanto para a formação de leitores conscientes e lúcidos no processo social do qual fazem parte como cidadãos ativos intelectualmente, quanto para a produção de textos pautada em uma visão meticulosa na linguagem como instrumento de produção de sentido e instauração do poder na sociedade.

### O *ethos* e suas funções semântico-discursivas

A problemática disposta refere-se ao *ethos* discursivo empregado nas diversas estratégias persuasivas, o qual visa construir exclusivamente a imagem do orador principal. Ostenta-se confirmar que essa elaboração compreende as diversas vozes implícitas e explícitas inseridas no contexto de enunciação de um determinado discurso.

Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa (AMOSSY, 2008, p. 9).

As análises das crônicas revelaram, portanto, várias estratégias utilizadas pelos enunciadores como pertinentes para o processo persuasivo; podem ser classificadas em recursos argumentativos e imagens projetadas pelos enunciadores em todo o contexto e se tornam responsáveis pela construção do *ethos* predominante em cada texto.

Para tanto, serão elencados os tipos de *ethos* identificados e nomeados conforme seu teor semântico-discursivo:

CARACTERIZAÇÃO DOS <i>ETHOS</i> RECONHECIDOS NAS CRÔNICAS <sup>v</sup>
1. <i>Ethos</i> de reivindicação social, insinuante
2. <i>Ethos</i> de revolta, dúvida, convencimento, conformismo
3. <i>Ethos</i> coletivo de pluralidade, crítico e de revolta
4. <i>Ethos</i> de reflexão
5. <i>Ethos</i> de transparência
6. <i>Ethos</i> condutor
7. <i>Ethos</i> de denúncia
8. <i>Ethos</i> mobilizador
9. <i>Ethos</i> de herói
10. <i>Ethos</i> de identidade, patriotismo
11. <i>Ethos</i> de solidariedade, incerteza e <i>ethos</i> de frustração
12. <i>Ethos</i> de reflexão, autoridade, <i>ethos</i> de conselheiro
13. <i>Ethos</i> de tendência, de mau caráter

14. <i>Ethos</i> de certeza, conhecimento, saudosismo
15. <i>Ethos</i> discursivo, ideológico

Na primeira crônica<sup>vi</sup>, o enunciador idealiza a imagem de sujeito honesto para afirmar que mesmo diante da necessidade mantém o seu caráter íntegro; já a imagem projetada de pobreza, no sentido de exclusão, tem a pretensão de instaurar um argumento comparativo em relação à entidade a que se dirige.

A aplicação desse argumento tem a finalidade de contrastar duas imagens, pois ao empregar esse discurso, o enunciador confronta a sua situação com a da entidade produtora de bens e recursos; nesse sentido, podemos pressupor que o discurso proferido pelo enunciador *“Mandem-me, por favor, um tênis... Dá à pessoa uma certa importância...quanto maior o tênis, mais visível ele é...visibilidade é tudo na vida”*, pode ser algo mais do que um sujeito que busca status; esse enunciado tem o sentido de despertar atenção dos grandes mantenedores de capital para a situação que encontra esse sujeito, não de forma individual, mas um sujeito representante de um grupo coletivo.

Temos uma ideia da forma que se comporta a sua psique em relação à situação em que o sujeito se encontra. Nessa perspectiva de análise, associada aos dois parágrafos, nota-se as características de caráter psicológico e corporalidade do fiador. Seria o que Maingueneau define como:

O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de se mover-se no espaço social. O *ethos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar. (MAINGUENEAU, 2008, p. 72).

Assim sendo, podemos verificar mediante o contexto enunciado dessa crônica, a ocorrência de uma diversificação de *ethos*; essa heterogeneidade agregada aos demais recursos argumentativos, tem a função de construir o *ethos* predominante, que identificamos por um *ethos* de “reivindicação social”.

A segunda análise, na crônica “Desistindo de Natal” apresentou uma imagem de um enunciador caracterizado por um “eu” coletivo, aliado à atitude do autor que se insere na cena enunciativa de forma implícita, para representarem a real condição em que se situam uma grande parcela da população. Tendo por base os argumentos quase lógicos ou na estrutura do real e os *ethos* de revolta, dúvida, convencimento, conformismo, consciência..., apresentados pelo enunciador, creditamos o *ethos* predominante de “carência”, que visa atingir a consciência da sociedade e dos administradores públicos.

Em todos os argumentos e justificativas, o enunciador, talvez pelo fato de seu personagem ser incorporado em uma representação de crianças carentes, produz um ethos ‘*emotivo*’; nessa perspectiva, Maingueneau (2011, p. 16), sustenta que:

O ethos se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente. (...) o ethos é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à sua fala” (MAINGUENEAU, 2011, p. 16-17).

Nesse texto, identificam-se muitas vozes que fazem predominar um ethos social de ‘*carência*’ e vemos um ethos de ‘*opinião*’ do autor em relação a certas tradições que se nomeiam religiosas, mas se fixam mais em um padrão comercial.

Na terceira crônica analisada, “Gato Família”, distinguimos os *ethos* coletivo de pluralidade, crítico, e de revolta. O enunciador estereotipado em um personagem do mundo inconsciente ganha voz para proferir um discurso com argumentos de valores e de sarcasmo para criar um efeito persuasivo em relação à questão apresentada. Ao associar essas técnicas podemos reconhecer a predominância do ethos do absurdo nessa crônica.

“*Pense no Gato de Botas...*”, / *Pense no espirituoso Garfield. Pense até no Tom*”, esses termos têm a função de se referirem aos estereótipos constituídos na cena enunciativa.

Caráter e corporalidade do fiador apóiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar. Esses estereótipos culturais circulam nos registros mais diversos da produção semiótica de uma coletividade: livros de moral, teatro, pintura, escultura, cinema, publicidade... (MAINGUENEAU, 2008, p. 72).

A crônica “Brasileiro”, propõe atitudes de julgamento e crítica, denúncia, indicadas pelo *ethos* manifesto do orador, que por meio de recursos de contra-argumentação apresenta contradições em relação às imagens atribuídas aos brasileiros; e por meio dos contra-argumentos, o orador reconstrói essas imagens de forma incompatível às inicialmente estabelecidas. Na parte final do texto, que é possibilitado averiguarmos o *ethos* de reflexão proposto pelo orador como predominante.

O silogismo dialético é o que comporta argumentações contrárias, porque suas premissas são meras opiniões sobre coisas ou fatos possíveis ou prováveis. As opiniões não são objetos de ciência, mas de persuasão. A dialética é uma discussão entre opiniões contrárias que oferecem argumentos contrários, vencendo aquele argumento cuja conclusão for mais persuasiva do que a do adversário. O silogismo dialético é próprio da retórica, ou arte da persuasão, na qual aquele que fala procura tocar as emoções e paixões dos ouvintes e não no raciocínio ou na inteligência deles (CHAUI, 2000, p.239).

A ação nessa enunciação se consolida na própria prática perlocutiva de evocar os leitores a reavaliarem suas visões a respeito dos brasileiros e do país a que pertencem, evidenciada por meio de termos rotulativos e pejorativos, ou seja, atributos desqualificados ao povo brasileiro.

No texto “*Crônica inteligente de Arnaldo Jabor – Brasileiro...*”, o autor procura construir seu *ethos* discursivo para persuadir o leitor de forma muito peculiar. Ao mesmo tempo em que ele se comporta como sujeito coletivo, que reproduz as características positivas do brasileiro, Jabor, de forma implícita se desloca a um segundo papel: ele se encarna no papel de enunciador particular, desmitificando essa imagem de povo profícuo, dessa forma julga as ações do estereótipo de brasileiro que procura transmitir uma imagem de povo *solidário, alegre, trabalhador e honesto*.

Em “Atestado de vida”, a formação do *ethos* que prevalece é desenvolvida a partir das imagens de igualdade e de poder, no sentido de direito associadas ao argumento de autoridade para pressupor o *ethos* principal de transparência. O objetivo persuasivo desse texto é alertar os cidadãos a exercer seus direitos sem ideologismos e de forma consciente.

Na sexta análise “Lula vem ou não vem” o enunciador projeta a imagem dessas personalidades políticas de “Dilma e Lula” de forma negativa, para promover a sua própria imagem. Para esse fim, ele serve-se do discurso histórico, dos argumentos de autoridade e de outras formações discursivas, além de vincular a sua imagem a uma coletividade, insere-se na mesma situação do “Outro” para dar maior credibilidade ao seu discurso e persuadir o leitor. Ao fazer o jogo de inserir na coletividade e após se deslocar para uma posição de superioridade analítica, o enunciador constrói com o auxílio de uma metáfora pastoral o *ethos* predominante de “condutor” pelas suas opiniões expressas.

Na sétima crônica, o narrador constrói a imagem de sujeito tenso, e disposto ao objetivo de levar os seus interlocutores a ficar cientes dos acontecimentos, ou seja, mais uma vez o *ethos* de denúncia; para esse propósito utiliza ironias, sátiras e o interdiscurso e no desfecho de seus argumentos, fica explícito o *ethos* dominante de “previsibilidade” do resultado dos acontecimentos.

No texto “A verdade está na cara, mas não se impõe”, o narrador dispõe-se de ironias comparações, e recursos linguísticos para projetar o leitor em uma elevação consciente ligado ao próprio enunciador em prol de um objetivo comum. O narrador difama a imagem do “Outro” para que a sua proposta seja validada e os recursos argumentativos cabíveis ao seu projeto. Ao conclamar “todos” para essa luta, o enunciador constrói o *ethos* predominante “mobilizador”.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá

porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 1996, P. 49).

Na crônica “A arte e a vontade de viver”, o narrador aplica o recurso analógico a uma figura do mundo artístico, para contrastar à imagem dos homens públicos com seus valores ideológicos negativos. E ao utilizar essa estratégia argumentativa, o enunciador define a sua trajetória pautada na linha de vivência do artista; Nessa perspectiva de identificação, notamos a construção do *ethos* predominante de herói, por meio dessa comparação.

Diante das reações contrárias às suas opiniões numa determinada situação, o orador procurou justificar seus atos nessa crônica “Passe livre vale mais”; para o seu intento, usou argumentos pelo modelo, para produzir um efeito de comparação e identificação com o sujeito social. Essa proposta de inferiorização teve como objetivo resgatar a sua imagem de virtude diante de seu leitor. A credibilidade do seu dito é resgatada pela utilização dos dispositivos linguísticos aliados a outros fragmentos de outros discursos, e deslocamentos de sua imagem. Estratégias imprescindíveis que agem no subconsciente do leitor. Assim identificamos um *ethos* principal “reparador” usado pelo enunciador.

Na crônica “Os gaúchos”, o enunciador recorre aos fatos históricos e às imagens caracterizadas dos estereótipos gaúchos em seus valores concretos e abstratos, e mediante a esses dispositivos especifica vários *ethos* relacionados ao comportamento dos gaúchos. Detectamos nesse texto, o *ethos* de robustez, de habilidade, reconhecimento e de patriotismo. A associação desses *ethos* valoriza a representação da imagem dos gaúchos como representantes de um povo; e da mesma forma, persuade o leitor a creditar o discurso do enunciador por ter sua imagem agregada ao estereotipo gaúcho; tal fato irá provocar a construção do *ethos* predominante de “identidade” do enunciador relacionado ao povo gaúcho.

Na crônica “Acabou a pax lulista”, o enunciador apresenta um discurso irônico, composto por fragmentos de outros discursos e metáforas para causar o efeito de comparação e demonstrar uma imagem de frustração. Ao posicionar-se na mesma condição da população constrói um *ethos* de solidariedade social, e ao mesmo tempo de incerteza. Todos esses recursos afirmam como prevacente no texto o *ethos* de “frustração” do enunciador, que é utilizado para conseguir a adesão do leitor à sua causa.

Em “2013 o estado vampiro”, o enunciador usa os tempos verbais para construir uma imagem de competência, e a partir desse ponto articula seus pontos de vista e edifica os *ethos* de reflexão, de autoridade, credibilidade e honestidade. O enunciador aplica a prática retórica para demonstrar indignação diante da imagem de ingenuidade da população, e assume os *ethos* de

conselheiro, de crítico e de reconhecimento do consciente. Ao produzir um interdiscurso, ele apresenta os *ethos* de “conhecimento” e “experiência”, sendo o primeiro, o predominante.

Na crônica “Sessão de terapia”, pode ser identificada uma infinidade de imagens que acarretam a construção de múltiplos *ethos* em todo o percurso do texto; numa primeira classificação há a participação dos *ethos* de tendência, de mau caráter, que podem ser associados a uma imagem de desonestidade e um sujeito sem pudor. Por meio de um discurso corrupto, o enunciador cria imagens que alude a corrupção a um fato banalizado e corriqueiro da cultura brasileira; e carrega um sentimento de importância por conseguir usar todos os artifícios ilegais em prol de si, de maneira que consegue driblar e corromper até o sistema judiciário do País. Ao delinear essas imagens do enunciador, o autor insere elementos sequenciais que auxiliarão na construção do *ethos* principal que se apresenta implícito no texto. A predominância desse *ethos* que pode ser denominado de “insinuante” e é direcionada à uma certa personalidade política; essa pressuposição pode ser feita pelos inúmeros traços de subjetividade que são idênticos à essa pessoa a que se faz menção.

A problemática do *ethos* pede que não se reduza a interpretação a uma simples decodificação; alguma coisa da ordem da experiência sensível se põe na comunicação verbal. As “ideias” suscitam a adesão por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser. Apanhando num *ethos* envolvente e invisível, o coenunciador faz mais que decifrar conteúdos: ele participa do mundo configurado pela enunciação, ele acede a uma identidade de algum modo encarnada, permitindo ele próprio que um fiador encarne. O poder de persuasão de um discurso deve-se em parte, ao fato de ele constranger o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, seja ele esquemático ou investido de valores historicamente especificados. (MAINGUENEAU, 2008, p. 29).

Na última crônica analisada, percebemos que os argumentos lançados pelo enunciador, associados às figuras do texto, colaboram para a construção de imagens e para a disseminação dos *ethos* de certeza, conhecimento, reflexão, saudosismo e vitima. Todos esses recursos se dirigem à formação do *ethos* principal que identificamos de *ethos* de defesa; o processo dessas demais construções causa o efeito de persuadir o leitor a aderir às opiniões do autor.

A análise das crônicas nesse trabalho indicou as formas que são utilizadas para persuadir o leitor. O autor se insere no texto como enunciador para criar as estratégias necessárias, fundamentadas nos fatos reais, para construir seu texto e expor a sua imagem principal, de forma a referenciá-la como ponto de geração do discurso persuasivo. E ao investigar essas construções do ponto de vista analítico é que podemos identificar os *ethos* aparentes e implícitos nos textos e seus efeitos de persuasão e adesão dos espíritos dos leitores, por meio do papel que o enunciador passa a exercer de fiador da fala.



## Considerações Finais

Desde a fundação da Análise do Discurso nos anos 60, os estudos de textos têm se priorizado de forma a creditar novas abordagens a assuntos anteriormente discutidos. Nesse âmbito, podemos dizer que o estudo das teorias discursivas despertou-se para resgatar antigos conceitos sobre práticas quase apagadas no tempo, com o objetivo de torná-las aliadas dessa atividade.

Esse trabalho pretendeu examinar a ação do ethos discursivo como mecanismo de persuasão em crônicas. Para a realização da pesquisa foi necessário abarcar os pressupostos teóricos da análise do discurso e as concepções contextualizadas em suas bases até atingir a teoria do ethos discursivo, conceituada por estudiosos da antiguidade e reformulada por pesquisadores contemporâneos; inserimos como parte do processo de ação desse mecanismo, os estudos da nova retórica argumentativa.

No trabalho, apresentamos os principais conceitos de ethos, fundamentados na teoria antiga e reformulados pelos teóricos da atualidade que aperfeiçoaram a utilização deste mecanismo como objeto de persuasão.

Não poderíamos deixar de enfatizar que um dos fatos que despertou curiosidade foi a possibilidade de o ethos discursivo ter muitas variantes em um mesmo texto, sendo que essa função de variação pode atingir o enunciador, os personagens, as instituições e até mesmo o autor como sujeito empírico. Essa ocorrência é pelo fato de se considerar a ação do ethos em toda a cena enunciativa.

Por esse motivo, compreendemos ter sido necessário incluir um relatório com as ocorrências identificadas do ethos predominantes nos textos analisados, os recursos utilizados na sua construção e as funções cabíveis a eles; com a pretensão que possam servir para consultas destinadas a trabalhos escolares e pesquisas sobre o tema.

A dificuldade encontrada foi devido a complexidade do ethos, pois em sua análise deve-se recorrer aos múltiplos dispositivos linguísticos, aos diversos tipos de argumentos e contra-argumentos e aos fatores ideológicos e combiná-los para que se identifique o principal mecanismo de persuasão ao qual propomos nessa pesquisa.

Outro ponto que causou interesse foi que em alguns textos analisados, o autor empírico se inscreve na cena, participa como narrador onisciente e até mesmo se desloca dentro da cena para afirmar o seu ponto de vista. Além deste, ocorreu o deslocamento no tempo, com o objetivo de resgatar acontecimentos históricos, com a função de fortalecer seus argumentos e consolidar a meta do discurso apresentado que é persuadir o leitor.

Pelos objetos de estudo, foi possível identificarmos a diferença entre persuadir e convencer, pois enquanto convencer está ligado a razão, persuadir se inscreve no âmbito das emoções. E é com alvo nesse campo das emoções que o enunciador se projeta, em muitos casos, discursivamente como outro sujeito e instaura um pseudo-enunciatário, um interlocutor veículo que promoverá as condições de produção de sentido para a enunciação.

Observamos que os trabalhos de Scliar, pelo seu contato com a realidade cotidiana, devido a sua profissão de médico, representam uma reflexão social e são direcionados para a sociedade dominante, com a pretensão de alertar esses grupos para as condições físicas e materiais em que se encontram determinadas parcelas da população e contrastar o estado das desigualdades e da exclusão.

Um ponto percebido é que suas crônicas não nomeiam personagens, fato esse que remete seu trabalho direcionado a um sujeito coletivo, outro recurso usado significativamente, pois em grande parte das crônicas emprega-se um ethos de coletividade, marcado pela primeira pessoa do plural, corroborando para a inclusão do enunciador na esfera ideológica do enunciatário e dessa forma o autor envia suas ideias diretamente ao leitor que se quer persuadir.

Já os trabalhos de Jabor assumem uma vertente política, o autor não foge da realidade, mas detalha-a de forma a ultrapassar os próprios limites de sua avaliação; Seus textos apresentam um tom repleto de ironias e mesmo de reflexão entre temas políticos e jurídicos do País. Os personagens contextualizados nas cenas, ao contrário da ficção, são realmente reais, porém, são expostos de forma caricaturizada, o que não impede de expor seus traços subjetivos originais.

Essa originalidade reflete-se como estratégia discursiva para cativar a atenção do leitor e persuadi-lo a aderir às opiniões do autor, e colaborar na construção da imagem de credibilidade desse enunciador. Podemos dizer que o ethos discursivo, enquanto mecanismo de persuasão em textos do gênero crônica atua por meio de uma composição que reúne autor personagens, cena de enunciação, elementos linguísticos e argumentativos, e os apresenta com o objetivo único de persuadir o leitor imaginário, mas que se incorpora como sujeito social em determinados grupos.

Preconiza-se que esse estudo seja apenas uma pequena contribuição que possa ser atribuída a trabalhos posteriores como parte do objeto de estudo explicitado, sendo que as possibilidades de se expandir sobre o tema são múltiplas. A principal contribuição desse estudo está relacionada à formação de leitores com ponto de vista crítico e analítico a respeito da língua como instrumento mediador de ideologias e de suas potencialidades enquanto mecanismo de persuasão para a formação da cidadania, da ética e da implantação de valores sociais dentro e fora do ambiente escolar; já que a crônica tem a sua disposição vários suportes que facilitam a sua veiculação nos diversos espaços sociais. Dessa forma, ela atinge as mais variadas parcelas da população e contribui para formação de opiniões por meio das imagens que o leitor irá construir em seu contexto.

## **Referências Bibliográficas**

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2002.

DISCINI, N. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2007.

EGGS, E. **Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna**. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-56.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2001.

MAINGUENEAU, D. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA, A. R. SALGADO, L. (orgs). **Ethos discursivo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 09-29.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 69-91.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MUSSALIM, F.; BENTES, A.C.(orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, E.P. **Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos**. Campinas, SP: 3.ed. Pontes, 2008.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação – A Nova Retórica**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

---

i Carolina Santos Melo de ANDRADE, professora mestre da Universidade Estadual de Goiás (UEG).  
E-mail: carolasmelo@yahoo.com.br

ii James Martins de Oliveira, Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: jamesimpressao@hotmail.com

iii Este artigo apresenta resultados finais de uma pesquisa realizada pelo supracitado acadêmico do Curso de Letras, James Martins de Oliveira, como requisito para conclusão do Curso em parceria com a professora orientadora, Carolina Santos Melo, vinculado ao projeto de pesquisa desta.

iv Foram analisadas crônicas de dois autores: Arnaldo Jabor e Moacyr Scliar. Selecionou-se esses autores e suas crônicas por se tratarem de autores consolidados e cujos textos circulam com frequência em suportes jornalísticos e midiáticos, sendo portanto alvo de leituras cotidianas.

v Os *ethos* foram nomeados conforme seu valor funcional-discursivo. Observou-se a presença de mais de um *ethos* em cada crônica, mas a predominância intencional de um, tendo empregado os outros *ethos* como acessório ou suporte argumentativo para o principal.

vi As crônicas foram selecionadas aleatoriamente e coletadas de fontes como redes sociais e sites jornalísticos e foram analisados 15 exemplares, sendo 4 de Moacyr Scliar e 11 de Arnaldo Jabor. Esse número sem divisão igualitária dos autores é devido ao processo de selecionar crônicas que evidenciam explicitamente o *ethos* discursivo.